

CONCEITOS DA PSICANÁLISE

Castração

viver
mente&cérebro

IVAN WARD

CONCEITOS DA PSICANÁLISE

Castração

IVAN WARD

Editor da série
Ivan Ward

viver
mente&cérebro

tt
Duetto


Relume Dumarã

Ideas in Psychoanalysis – *Castração* foi publicado no Reino Unido em 2003 por Icon Books Ltd., The Old Dairy, Brook Rd, Thriplow, Cambridge SG8 7RG
Copyright do texto © 2003 Ivan Ward

Conceitos da Psicanálise – *Castração* é uma co-edição da Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda. com a Relume Dumaré Editora.

Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda.: Rua Cunha Gago, 412, 3º andar, São Paulo, SP, CEP 05421-001, telefone (11) 3039-5633.

Relume Dumaré Editora: Rua Nova Jerusalém, 345, Bonsucesso, Rio de Janeiro, CEP 21042-235, telefone (21) 2564-6869.

Copyright da edição brasileira © 2005 Duetto Editorial

Indicação editorial

Alberto Schprejer (Relume Dumaré Editora)

Coordenação editorial da série brasileira

Ana Claudia Ferrari e Ana Luisa Astiz (Duetto Editorial)

Tradução e edição

Carlos Mendes Rosa

Revisão técnica

Paulo Schiller

Revisão

Elieir Silveira Cunha

Capa

Arte sobre a imagem da escultura *Davi*, de Michelangelo.

Diagramação

Ana Maria Onofri

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

W232c Ward, Ivan
 Castração / Ivan Ward ; tradução Carlos Mendes Rosa. - Rio de Janeiro : Relume Dumaré : Ediouro ; São Paulo : Segmento-Duetto, 2005
 (Conceitos da psicanálise ; v.7)

Tradução de: *Ideas in psychoanalysis : Castration*
ISBN 85-7316-433-6

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Klein, Melanie, 1882-1960. 3. Complexo de castração. 4. Psicanálise. I. Título. II. Série.

05-2538.

CDD 616.8583
CDU 616.89-008.44

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da Lei nº 5.988.

INTRODUÇÃO: A DEFINIÇÃO DO COMPLEXO DE CASTRAÇÃO

O complexo de castração é uma diversidade de crenças e emoções infantis relacionadas com a consciência nascente de uma identidade sexual definida. No menino, estão entre elas a crença de que a mãe teve pênis, que o pênis foi decepado pelo pai ou por um substituto do pai e que o seu próprio órgão sexual pode estar sujeito ao mesmo destino terrível.¹ As emoções vão da recusa inicial em acreditar numa idéia tão absurda, por meio de contestação indignada, à angústia aguda e eventual sujeição. Como no complexo de Édipo, os efeitos da angústia de castração misturam-se à vida de cada pessoa de um modo singular, e a maneira como a criança lida com a idéia da castração tem implicações profundas no seu futuro. A castração pode ser negada, deslocada, projetada, sexualizada ou voltada para

o próprio eu. Para a menina existe também a crença de que ela teve um pênis que foi removido brutal e injustamente. As repercussões dessa castração imaginária podem ser um sentimento agudo de perda ou uma sensação perturbadora de que o corpo foi mutilado.

Usando exemplos do cotidiano e referências culturais comuns, este livro examina:

- a importância do conceito na obra de Freud;
- os sintomas que o conceito explica;
- seu papel paradoxal no desenvolvimento da criança;
- os mecanismos pelos quais ele provoca efeitos;
- sua função na sexualidade humana e no amor;
- sua influência na criatividade e na inibição da criatividade;
- as preocupações éticas que ele esclarece.

A CASTRAÇÃO E OS PRIMÓRDIOS

Freud escreveu sobre a castração na história do caso do “Pequeno Hans”, em 1909² e usou pela primeira vez a expressão “complexo de castração” no seu ensaio “Sobre as Teorias Sexuais das Crianças” (1908)³. Ele se baseou nas palavras das crianças para elaborar o seu conceito mais controvertido e inverossímil.

Na última década de vida de Freud, a angústia de castração ganhou evidência cada vez maior – ela se sobrepôs às outras angústias e “situações de perigo” de *separação, perda de amor e morte*, que ele estabelecera como pedras angulares da psicanálise em 1926 e pareciam, em comparação, tão ligadas ao senso comum.⁴ Na época da última grande obra de Freud, o complexo de castração praticamente se fundira ao complexo de Édipo e tinha a mesma importância.

“[S]ob a influência do complexo de castração”, escreve Freud, o menino “experimenta o mais grave trauma da sua vida ainda muito jovem”. Prossegue ele:

*Os resultados da ameaça de castração são variados e incalculáveis; eles afetam todas as relações do menino com o seu pai e a sua mãe e subseqüentemente com homens e mulheres em geral.*⁵

O complexo de Édipo chegou a ser descrito como as “atitudes emocionais” que a criança tem com os pais e os irmãos⁶; depois, essas relações passaram a ser motivadas e organizadas pelo complexo de castração. “O acontecimento todo”, diz Freud, “pode provavelmente ser encarado como a experiência fundamental dos anos da infância”⁷.

UMA NOTA EXPLICATIVA: CASTRAÇÃO E BURACO NEGRO

Mas que “experiência fundamental” pode ser essa que é inteiramente esquecida? “O acontecimento todo [...]”, prossegue Freud, “é tão completamente esquecido que a sua reconstituição durante o trabalho de análise é recebida pelos adultos com a mais completa incredulidade. Na verdade, a aversão a ela é tão grande que as pessoas tentam evitar qualquer menção ao assunto banido e as lembranças mais óbvias dela são ignoradas por uma estranha cegueira intelectual”⁸.

Como se costuma criticar Freud por ter proposto entidades invisíveis bizarras e apresentado explicações não comprováveis e mágicas, talvez seja bom fazer uma analogia com uma ciência “mais exata”. Como estudar uma entidade que é o equivalente psíquico do buraco negro na astronomia?

Em primeiro lugar, podemos estudar os seus efeitos nos terrenos adjacentes da experiência. Se o complexo de castração é tão importante quanto Freud afirma, sua atração gravitacional deveria distorcer o espaço mental e interferir na distribuição dos objetos mentais. O buraco negro no espaço pode refrear o movimento da estrela

próxima ou acelerá-lo; tirá-la do curso ou ocultar a sua existência. De modo parecido, as inibições ou a superexcitação, a perda de equilíbrio mental ou a ausência de faculdades mentais podem ser investigadas como efeitos possíveis do complexo de castração.

Melanie Klein demonstrou que as inibições na escola podem estar diretamente relacionadas com o “pavor de castração”. O que para os professores parecia ser preguiça ou falta de interesse ou inaptidão nos esportes e no atletismo revelou-se para Klein como uma “inibição neurótica” e uma sujeição da criança ao medo da castração. Era como se a criança dissesse: “Se eu fizer X, serei castigado (com a castração)”. (Por exemplo: “Se eu fizer algo que represente simbolicamente o meu desejo pela minha mãe, serei punido com a castração”.) Só quando a angústia de castração fosse solucionada seria possível começar a superar a inibição. Igualmente, os interesses especiais e as sublimações de uma pessoa podem ser um meio de escapar do fantasma da castração. Para Felix, de 13 anos, sexo e futebol se misturaram na fantasia. “O coito já havia sido substituído pelo futebol”, relata Klein, “e absorvera seu interesse e sua ambição por completo”⁹. O futebol era “uma defesa contra outros interesses reprimi-

dos e inibidos menos consonantes com o ego”¹⁰ – ou seja, os interesses que implicam o perigo de ataque.

Em segundo lugar, podemos investigar o buraco negro por premissas. Se temos uma atração gravitacional X, uma massa crítica Y e núcleos atômicos com características Z, teremos então um objeto tão denso e compacto que a luz não conseguirá escapar. Uma mulher num programa de televisão fez também hipóteses a respeito da castração com base em premissas. Ela se lembrou de um amigo que mexia compulsivamente no escroto sempre que conversava empolgado com amigos. “Deve ser estranho ter do lado de fora um órgão tão sensível”, observou. “Eu teria medo de ele ser arrancado ou mordido por um cachorro.”¹¹

Qualquer mãe (ou namorada) sabe do enorme interesse do menino pelo próprio pênis. Talvez ela também tenha consciência dos seus sentimentos complicados em relação a ele. Na Antiguidade, as pessoas tinham símbolos e amuletos fálicos para usar ou tocar a fim de se proteger de perigos.¹² Portanto, partindo de premissas, podemos dizer que é inevitável um objeto fisicamente tão significativo e precioso comportar o risco de perda. Assim, na época certa, segundo Freud, é preciso muito pouco para que se

desencadeie o sentimento de ameaça. Pode-se dizer que existe uma *pré-concepção* de castração na mente; ela parece nascer inevitavelmente no interior do indivíduo.¹³

Ao considerar o terceiro modo de investigação do complexo de castração, as analogias com a astronomia perdem o sentido. O buraco negro existe não porque o universo tem a *idéia* de um buraco negro, ao passo que o “complexo de castração” é em grande medida uma questão de crença.

Certo dia, Daniel, de 14 anos, me contou de um objeto curioso de que ele ouvira falar no berçário do Centro Anna Freud. Chamava-se “willy-cut”. Era como uma tesoura de jardinagem, mas com funções bem mais específicas. Depois de lhe perguntar como ele chegara a essa conclusão, vim a saber que o garoto tivera tal convicção com poucasíssimas evidências. Ele ouvira um dos terapeutas do centro dizer uma palavra enigmática: “Winnicott!”

No tempo em que os psicanalistas usavam informações da sua vida como material de investigação analítica, E. Pickworth Farroy descreveu sua reação depois de se lembrar

* Willy-cut seria um “corta-pipi”. (Donald) Winnicott (1896-1971) foi um psiquiatra inglês muito famoso e influente, autor de diversas obras. (N. do T.)

de uma ameaça brutal de castração, que ele acreditava ser real: “Por alguns dias, este escritor sentiu-se profundamente infeliz e viu-se na época em que era uma criança pequena que esperava impotente que os seus genitais fossem arrancados a qualquer momento”, escreve ele, “e ele nunca antes se sentira tão só e perdido no mundo”¹⁴.

SINTOMAS REAIS E CASTRAÇÃO: ALUCINAÇÃO

O desalento que acompanha a crença na castração é suficiente para expulsar esses pensamentos da consciência. Apesar disso, às vezes vemos as idéias e os medos de castração revelados nos adultos. Como um Leviatã que emerge das profundezas, eles surgem para aterrorizar a mente consciente e predominar no quadro clínico.

Quando criança, o “Homem dos Lobos”, paciente russo de Freud, desacreditava a possibilidade de castração, mas era dominado pela visão alucinada de um dedo seu decepado e pendurado por um fio de pele. Isso também ocorreu com Daniel Paul Schreber, célebre juiz do Tribunal de Apelações da Alemanha, que talvez tenha sido o paciente mais famoso da história da psiquiatria. A fama de Schreber vem da publicação em 1903 das suas *Memórias de um*

Doente dos Nervos, que ele compilou de anotações num diário e de outras notas feitas durante o confinamento de nove anos em várias clínicas psiquiátricas e hospícios de Leipzig e Dresden. A análise de Freud desse “livro inestimável” garantiu à obra um lugar na história da psicanálise.

As *Memórias* são um livro de uma religião e uma filosofia pessoais escrito para responder alguns dos enigmas da trágica vida de Schreber e para dar explicações à sua mulher e à família. Foi também uma obra de justificação, provando que era a pura realidade “o que as outras pessoas pensam ser delírios e alucinações”. Como todas as grandes histórias, o livro de Schreber descreve uma via-sacra. Da saída do estado de virtual catatonia, assolado por angústia, tremendamente iludido e torturado por alucinações horripilantes com o seu corpo e os ambientes em que vivia (os assim chamados “milagres”), Schreber começou aos poucos a compreender a catástrofe que se abatera sobre ele e a retomar o contato com o mundo exterior. Numa passagem sugestiva e bonita, ele fala do momento crucial da sua compreensão:

O mês de novembro de 1895 marca uma época importante na história da minha vida e das minhas idéias a respeito do

possível traçado do meu futuro. Lembro-me do período com clareza; coincidiu com vários dias lindos de outono, quando havia uma névoa matinal cerrada no Elba. Durante esse tempo, os sinais da transformação em mulher tornaram-se tão marcados no meu corpo que eu não pude mais ignorar o fim iminente para o qual todos os desdobramentos apontavam.¹⁵

A partir desse momento, Schreber pôde construir outra realidade das ruínas da vida mental anterior. Para escapar de outro “fim terrível”, ele se contentou com a idéia de ser transformado em mulher.¹⁶

Existiam ainda elementos sobrenaturais empenhados em reverter a sua conduta para o estado anterior – ou a “renunciar” a ele. “Raios” mal-intencionados fariam “apelos hipócritas” ao seu “senso de honra masculina” e o insultariam com sarcasmo: “Você não fica envergonhado perante a sua mulher?”, ou, em palavreado ainda mais vulgar: “Imagine uma pessoa que foi presidente do Senado deixar-se ser f...”. Schreber manteve-se resolutos e inabalável no seu propósito:

Por mais repulsivas que fossem essas vozes, por mais que eu tenha tido a oportunidade de exprimir minha justa indigna-

ção de um modo ou de outro nos milhares de vezes que essas frases foram repetidas, não me permiti desviar do comportamento que eu reconhecera ser essencial e salutar para todas as partes – eu mesmo e os raios.¹⁷

Desse modo Schreber esquivou-se do horror indizível da castração. Ele não mais enfrentou a perspectiva de ser um homem castrado, mas uma “mulher determinada”, destinada a grandes feitos. Na elaboração derradeira de afirmação da vida em meio ao delírio, ele seria fecundado por Deus a fim de criar uma nova raça de seres humanos. Schreber, que certa vez fora forçado a se fingir de cadáver, tornara-se o salvador da humanidade. A partir da compreensão, ele voltou a viver.

Eu gostaria de conhecer um homem que, vendo-se diante da alternativa de se tornar um demente com roupas masculinas ou uma mulher determinada, não preferisse a última.¹⁸

Talvez uma virada mental parecida tivesse poupado do impacto trágico das alucinações de castração um paciente menos célebre, do qual ouvi falar há alguns anos. Encontraram-no enforcado na garagem de casa após o

jantar, mas nenhum dos familiares se dera conta de que ele vinha sendo atormentado fazia anos pela sensação de que o seu pênis era cortado vezes seguidas e unido a outras partes do seu corpo.¹⁹

O psicanalista Samuel Ritvo escreve sobre um caso parecido em que a alucinação se refina e é substituída pela fantasia:

*Ele sofria de angústia de castração intensa e consciente, fantasiando muitas vezes por dia que era vítima de castração accidental ou intencional.*²⁰

Esse sujeito não imaginou, como outras pessoas imaginariam, que o cachorro da casa do outro lado da rua correria até ele e lhe morderia a mão, nem que ele mesmo poderia cair de uma escada e quebrar a perna. Em vez disso, imaginava que o cachorro abocanharia o pênis dele e, quando ele estivesse caindo da escada, seus genitais se prenderiam em alguma coisa e lhe seriam arrancados do corpo. Era como se todos os outros sintomas dele – crises de angústia, náusea, anorexia, cólicas abdominais, sintomas fóbicos e obsessivos – fossem um aflorescimento da ameaça principal de castração.

A história de pessoas como essas revela uma conotação de traumas precoces e relações transtornadas. Doenças somáticas recorrentes, separações precoces, pais perturbados ou neuróticos (ansiosos, agressivos ou deprimidos) – tudo isso contribui para a intensidade do medo de castração e a incapacidade de superá-lo. Tomado de uma angústia mórbida da qual poucos estão inteiramente isentos, era um homem que vivia precariamente no limite.

DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E CASTRAÇÃO: RECORDAÇÕES DE INFÂNCIA

As lembranças de infância não só remetem ao passado, mas o representam simbolicamente. Leonardo da Vinci lembrava-se de um incidente estranho de quando era criança. Estava deitado no berço quando uma ave de rapina desceu: “[Ela] abriu a minha boca com o rabo e bateu inúmeras vezes com ele nos meus lábios”²¹. Na sua psicobiografia do artista, Freud interpretou a história como uma manifestação do complexo de castração.

Memórias de infância surreais como essa foram relatadas recentemente no programa de rádio da BBC *Desert Island Discs*, em que convidados famosos contam remi-

niscências da sua vida e escolhem as oito músicas prediletas que levariam para uma ilha deserta imaginária.

A canção que Timothy Spall, ator muito admirado, associou à sua primeira lembrança foi *New Fangled Tango* [Tango Moderno], cantada por Lena Horne. É uma canção cheia de insinuações sexuais a respeito de uma nova dança em que “você não precisa saber os passos”.

*Quando eu era pequeno, a sala da frente da casa estava sempre fechada e era reservada para ocasiões especiais. Eu entrava lá escondido para tocar os discos da minha mãe.*²²

A segunda história, que tem as frases cativantes “eu era um pouco hipocondríaco” e “eu tinha uma imaginação fértil”, fala dos medos horrendos do corpo que poucos conseguem não sentir.

*Eu era um pouco hipocondríaco. Um homem com um nariz costumava passar diante da casa, e alguém disse que o nariz era feito das nádegas dele porque ele tivera câncer. Como eu tinha uma imaginação fértil, eu achava que sentia uma dor no nariz e teria de pôr as minhas nádegas no lugar dele.*²³

A última história desenvolve uma situação clássica do terror dos adolescentes, a do monstro no sótão.²⁴

*Minha avó morava no andar de cima da casa. Ela adorava queijo gorgonzola e o deixava num prato no quarto dela. Parecia podre. Meu irmão e eu entrávamos de fininho no quarto e tirávamos a tampa do prato de queijo. Nós dizíamos “huuummm!”, fazíamos cara de susto e caíamos fora.*²⁵

Não surpreende que um gorgonzola, com um cheiro fétido e veios de mofo esverdeado, também lembrasse carne putrefata. De qualquer modo, era isso que o jovem ator parecia ver.

Juntas, as três lembranças formam uma narrativa de temática única. Uma história de tentação, desobediência, castigo e sofrimento. O garoto entra no espaço proibido da mãe e é ameaçado com uma punição de mutilação. A perspectiva faz surgir uma visão de carne em decomposição e ele é lançado numa espécie de purgatório, compelido a olhar para o terror da sua imaginação. No relato de Freud sobre o desenvolvimento, a memória (a memória de tela) repercute e substitui um momento mais antigo. Com seus decididos esforços edipianos. ○

garotinho descobre que a mãe, considerada há muito tempo idêntica a ele, não tem o fator mais reverenciado da identidade dele.

Como muitos de nós, Timothy Spall lembra-se dos terrores da sua infância com uma nostalgia feliz. Freud pegava essas lembranças e reinjetava nelas a emoção: todo instante, toda imagem fugaz, toda virada na narrativa ganhava o peso de uma experiência de infância significativa. Esses são os “lembretes inconfundíveis” da angústia de castração de que ele fala: a visão repugnante de um pedaço de queijo ou o terror de um nariz inflamado.

DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E CASTRAÇÃO: CRESCIMENTO

Aí vai um jogo: qual o traço comum dos incidentes a seguir?

O cachorro aguarda ofegante enquanto o garotinho João agarra-se à bola. Os adultos ao redor não conseguem convencer o menino a jogar a bola para o cachorro.

Um incorporador de imóveis acusa o seu filho, Chris Carson, de ter uma imaginação fértil demais e lhe diz que é hora de crescer. Ele tenta ajudar o filho rasgando os

desenhos que comprovam que o menino ainda acredita em fantasmas.

Fanáticos políticos e religiosos lançam aviões contra o World Trade Center e o Pentágono. Os comentaristas classificam os terríveis acontecimentos de “um toque de despertar” para a nação americana.

Cada um desses incidentes diz respeito às dificuldades normais do amadurecimento. Ao crescer, renunciamos a parte do narcisismo. Abrimos mão de certos objetos, crenças e formas de gratificação. A megalomania e as fantasias infantis de auto-suficiência se desfazem. Somos obrigados a perceber que existem *outras pessoas no mundo* e que *nem todas são como eu*.

Em poucas semanas, João vai chamar a atenção da mãe jogando objetos no chão e esperando que ela as pegue. Mas por enquanto a bola é do João e ele não vai largá-la assim tão fácil. A bola parece ser parte dele, e o seu maior impulso talvez seja colocar a bola na própria boca. Sob o olhar benevolente dos adultos, ele está numa zona neutra do desenvolvimento e se mostra confuso e aflito: põe a bola na boca ou a joga para poder brincar?

Claro, como se trata de Hollywood, o fantasma Gasparzinho logo se torna amigo até do papai e juntos eles salvam Chris, que iria pelos ares com a casa que o pai queria explodir. Para Chris, crescer era superar algo que o intimidava fisicamente e oferecia risco.

A destruição provocada pelos ataques de 11 de setembro de 2001 foi interpretada como sempre pela metáfora do “crescimento”, como se a investida contra esses símbolos de poder – as torres gêmeas, o prédio do Pentágono, o Capitólio – de alguma forma lembrasse as perdas que sofremos na infância.

No entender de Freud, esses traumas inevitáveis formam uma série, na qual se inclui a “castração”, e se associam a funções específicas do corpo. Muitos pais já passaram pela experiência delicada de tentar afastar ao menos um objeto corporal estimado.²⁶ “Tchau, cocô”, dizia eu à minha filha depois que ela usava o banheiro. August Sarke acrescentou o “mamilo” à série, supondo que o bebê veja primeiramente o seio da mãe como seu (do mesmo modo que a mãe do bebê deve vê-lo).²⁷ Quando o mamilo mostra que tem vida própria, o bebê sente o primeiro grande golpe no seu narcisismo.

Klein enfatiza esse trauma precoce e a raiva convulsiva e a divisão resultantes. A criança, decidida a agarrar-se ao seu delírio narcísico, divide o mundo em bom e mau – o *seio bom* sempre dentro de mim e o *seio mau* odiado “lá fora”. Assim, o crescimento da personalidade ocorre não só com a atenção carinhosa dos pais adorados, mas também pela sucessão inevitável de rupturas e perdas traumáticas.

Três coisas resultam desse processo de perda traumática: (1) a muito falada instauração de um objeto fantasmático dentro da mente que toma o lugar do objeto perdido no mundo exterior; (2) uma mácula emocional, mais ou menos grave, sobre a qual se realiza o crescimento futuro, e (3) um nó de angústia no interior da pessoa.

O quarto resultado é a crescente complexidade emocional e estrutural da mente. À medida que o desenvolvimento avança, a relação simbiótica com a mãe transforma-se num relacionamento de três pessoas²⁸, descrito pelo psicanalista francês Jacques Lacan como um movimento do “imaginário” para o “simbólico”²⁹, ou por Mary Target e Peter Fonagy como um processo de “triadificação”³⁰. As coordenadas do espaço mental se alteram. A figura materna e a figura paterna são assimiladas para a formação do superego:

[...] um precipitado no ego que consiste nessas duas identificações unidas de alguma maneira.³¹

No entanto, apesar dessa genealogia, o superego “retém o caráter do pai”³². Forjado no ardor da ameaça de castração, o superego agora se encarrega de reprimir as emoções bastante intensas do drama edipiano. Claro que a tarefa não é fácil, como diz Freud.³³ É a figura paterna, na condição de obstáculo e proibição dos desejos edipianos, que empresta o seu caráter ao superego – ou seja, o pai tido como agente da castração.³⁴

A fim de se tornar uma pessoa responsável na sociedade, livre dos delírios narcísicos, a criança está fadada a aceitar a realidade da castração. E é o impacto mortífero dessa possibilidade, do ponto de vista da criança, que prenuncia as transformações significativas desse período.

Freud sabia que as suas descrições esquemáticas só poderiam representar o arcabouço do qual se forma a vida de carne e osso. Muitos fatores participam desse processo; tipos diferentes de ligação com a mãe e o pai, propensões constituintes diferentes, graus variados de intimidação real ou sedução dos genitores. É impossível prever o resultado. A personalidade da criança pode ser

esmagada por uma angústia de castração intensa demais ou ser irrefreada e incontrolável. Se o indivíduo será homossexual ou heterossexual, ativo ou passivo, temeroso ou independente, controlado ou desinibido depende da interação de uma grande diversidade de forças. Todavia, em meio a tudo isso, o complexo de castração e seus efeitos são um fator constante que atua como eixo entre o passado e o futuro.

Em seu livro *Paranóia*, também publicado nesta coleção, David Bell cita a gramática do desejo sexual apresentada por Freud. Tomando a frase nuclear “eu (um homem) o amo (um homem)”, Freud mostra uma profusão de resultados possíveis: erotomania (“Eu não o amo, eu a amo”); ciúme patológico (“Eu não o amo, *ela* o ama”); e homofobia (“Eu não o amo, eu o odeio”, que implica inevitavelmente o paranóico “Ele me odeia”). Cada transformação gira em torno do impacto da ameaça de castração. Contudo, dependendo da interação de forças e de acontecimentos casuais que orientem o desenvolvimento para um lado ou para o outro, podem resultar comportamentos opostos.

As fantasias de castração que dominaram o citado paciente de Ritvo formaram-se no contexto de relações

familiares transtornadas. O medo da castração, por sua vez, determina facetas dos relacionamentos e atitudes atuais dele para com homens e mulheres. Assim, o pai ausente na sua infância, cuja reaparição deve ter sido muito mal recebida pelo paciente, torna-se, sob a ameaça de uma retaliação terrível, a figura idealizada de um amigo com quem ele se compare na vida futura. Por outro lado, a mãe sedutora, a um só tempo motivo de tentação e prazer sensual, torna-se a criatura mais temida – uma mulher –, “estranha e repulsiva fisicamente, mutilada nos genitais, controladora e exigente”³⁵.

O complexo de castração transforma o tom emocional dos relacionamentos. Os valores psíquicos são reorientados, de modo que o bom se torne mau ou o prazer se torne dor. Pelo processo retrospectivo da associação livre, os psicanalistas descobrem as idéias e as fantasias de castração profundamente arraigadas e os artifícios adotados em vida para evitar conscientizar-se delas. Assim, em seu elogiado dicionário de psicanálise, Jean Laplanche e Jean-Baptiste Pontalis podem afirmar sem recear muito a crítica dos colegas: “O complexo de castração aparece constantemente na experiência analítica”³⁶.

DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

E CASTRAÇÃO: BRINCANDO COM A REALIDADE

“Ao mesmo tempo que é fácil ver que as crianças brincam por prazer”, declarou Donald Winnicott, “é muito mais difícil as pessoas perceberem que as crianças brincam para dominar a angústia, ou para dominar idéias e impulsos que acarretem a angústia se não forem controlados”³⁷. Ele também poderia ter acrescentado que as crianças brincam para crescer ou, em certos casos, para não crescer.

Quando jovem, o ciclista Lance Armstrong adorava um jogo. Ele ensopava de querosene uma bola de tênis, ateava-lhe fogo e brincava de catá-la. Ao contar essa história, Kalu Singh compara o jovem Armstrong com Prometeu, o titã que desafiou os raios de Zeus a trazer o fogo à Terra. Era tal a insolência dele quando adolescente, observou o seu treinador, Chris Carmichael, que “ele achava que era o rei da merda”. Mas a ameaça de castração não seria negada. Um dia, Armstrong sentiu uma coisa metálica na garganta. De repente, ele se deu conta de que era um mero mortal. “E não só mero”, diz Singh, “mas, no cerne da masculinidade, naquelas próprias bolas de fogo e vida, um câncer nos testículos”. Só depois da sua experiência com câncer ele pôde perceber

o seu potencial de atleta prodígio. “Antes de Lance ter tido câncer”, explicou Carmichael, “nós discutíamos o tempo todo. Ele nunca treinava direito. Fazia por duas semanas o que se pedia, depois sumia e fazia do jeito que queria por um ou dois meses”.

O tratamento exigiu outro tipo de fogo, e a quimioterapia foi tão forte que lhe provocou queimaduras *de dentro para fora*. Ainda assim Armstrong ergueu-se das chamas e lutou para ficar mais que em forma. E ele se **ergueu das chamas transformado**. Não mais acorrentado à rocha da auto-suficiência ilusória, ele passou a seguir as instruções do treinador e a trabalhar junto com a equipe. Com a renúncia à sua independência heróica, Armstrong obteve um tipo diferente de funcionamento psíquico e se tornou um dos imortais que ganharam o Tour de France quatro vezes seguidas.

O jogo de adolescente de Lance Armstrong seria bem normal numa criança de 4 anos – se não no conteúdo, pelo menos na estrutura e na função. Assim como o neto de 18 meses de Freud jogou do berço um carretel de linha para dominar o trauma do desaparecimento da mãe³⁸, a criança de 3 ou 4 anos recria simbolicamente a ameaça de castração nos jogos e nas fantasias e vence

o perigo. Miriam descobriu isso quando foi cuidar do pequeno Sam e saiu de lá chocada.

“Ele tem uma brincadeira que ele quer que eu faça várias vezes”, diz ela. “É brincar de crocodilo.”

“E como é?” – pergunto eu.

“Eu tenho de me fingir de crocodilo, sair para caçá-lo e ele foge. Então ele se vira e começa a me ‘matar’.”

“E o que o crocodilo faz se pegar o menino?”

“Não sei, mas ele diz que tem alguma coisa com o bumbum.”

Seu ressentimento com a criança chata diminuiu da outra vez que ela o viu. A ansiedade que se insinuava na brincadeira revelou-se com toda pujança quando ele acordou no meio da noite aterrorizado, **gritando** pela mãe. O monstinho cansativo revelou **de repente** a criança vulnerável e assustada que ele era, **tentando** controlar desesperado seus medos e impulsos.

DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E CASTRAÇÃO: PRAZER

Numa história de desejo contrariado, o escritor Aueron Waugh lembra-se do seu pai, logo após a guerra, sentado diante dos olhos angustiados **dos filhos e co-**

mendo toda a ração de banana que Waugh e as irmãs sabiam ter “o sabor mais delicioso do mundo”. Ao contar a história na sua autobiografia, Waugh conclui:

Seria absurdo eu dizer que nunca o perdoei, mas ele decaiu permanentemente na minha estima a partir daquele momento de um modo que nenhuma transgressão sexual equipararia. Daquele momento em diante, nunca levei muito a sério qualquer coisa que ele tivesse para dizer sobre fé ou moral.³⁰

O senso de justiça ou injustiça é forjado na fornalha da vida familiar e inclui as inevitáveis idéias da criança dos “privilégios e prerrogativas que se atribuem a um dos pais”⁴⁰. A referência incidental a “transgressão sexual” insinua o sentimento contido na história. Refere-se ao pai invejado e temido que reserva para si tudo que há de bom e ao acesso exclusivo a uma fonte de prazer, o qual só pode parecer tremendamente injusto para um garoto com paixões tão intensas. Ele mesmo nunca experimentaria esse prazer?

Alguns analistas têm interpretado a capacidade para o prazer como fator central na castração. Ernest Jones, biógrafo e discípulo de Freud, ao repudiar o que ele de-

nominou de tendência “falocêntrica”, cunhou o termo “afânise” para designar o desaparecimento total da capacidade para o prazer sexual. Em lugar de “experiência fundamental” da infância, a castração seria apenas um aspecto desse medo mais generalizado que se aplica igualmente a homens e mulheres.

Apesar dessa admirável intenção democrática, Jones enfraquece o seu argumento ao citar o caso de um jovem obsessivo. “Ele trocou a idéia de gratificação sexual pela de prazer estético”, escreve Jones, “e seus medos de castração assumiam a forma do receio de que ele perdesse a capacidade para esse prazer, estando por trás deles, obviamente, a idéia concreta da perda do pênis”⁴¹.

Jones é o primeiro a admitir que o inconsciente não lida com abstrações, e nas histórias que ouvimos até aqui é a linguagem concreta, imagística, que lhe dá força – bananas e creme, nádegas e narigões, gorgonzola com fungos. Colocando-nos no lugar de Jones, diríamos que ele descobriu uma faceta do medo da castração, mas uma de muitas. Se a castração significa a perda do prazer sensual, ela é também a perda da auto-estima. É também a perda da capacidade de unir-se simbolicamente à figura da mãe e, por fim, uma perda da capa-

cidade de gerar bebês (potência) – medo que pode ser transferido para outras formas de criatividade.

Talvez em qualquer indivíduo uma ou outra dessas capacidades seja mais significativa e o medo da castração se desvie para outro lugar. Alguns homens se submeteriam a uma cirurgia que aumentasse o tamanho do seu pênis flácido em detrimento da sua função erétil. Não é a perda do prazer sensual que eles temem, mas a perda do pênis como objeto de exibição narcísista. Meu pai, em meio a uma situação de vida ou morte na Segunda Guerra Mundial, sentiu o que ele chamou de “raiva divina”, que lhe tirou todo o medo da cabeça. Sua indignação contra o Todo-Poderoso (o pai) resumiu-se ao pensamento de que *ele nunca teria filhos*.

DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E CASTRAÇÃO: SEXUALIDADE

A confluência de *prazer e identidade* com as exigências do *mundo social* é que faz a sexualidade tão enigmática e singular. A castração é fundamental em quatro aspectos da sexualidade: a aceitação da diferença sexual; a negação da diferença sexual; a produção de excitação sexual; e como causa de inibição sexual.

Freud às vezes se refere à identidade sexual *como se* fosse uma questão de escolha. Você pode querer *isto ou aquilo*; pode se colocar nesta ou *naquela* posição. Parece uma questão de escolha porque a identidade sexual é formada no contexto da diferença sexual, das nossas relações com o sexo masculino ou o feminino, mãe e pai; uma ampla área de possibilidades.

“O complexo de Édipo proporcionou à criança *duas* possibilidades de satisfação”, escreveu Freud, “uma ativa e outra passiva [...]. Ela poderia colocar-se *no lugar* do pai [...] ou poderia querer tomar o lugar *da mãe e* ser amada pelo pai”⁴².

Grande parte dos primeiros debates analíticos sobre diferença sexual (quase sempre centrados *na* questão da “sexualidade feminina”) resumiu-se a uma pergunta simples: “os sexos são inatos ou criados?”⁴³ A resposta de cada participante do debate indica em *parte a sua* posição quanto à importância da castração. *Se você está* do lado do “inatos”, a angústia de castração *torna-se* uma experiência infeliz que se pode ter *ou não na infância*, como sarampo ou catapora. *Se você está do lado* do “criados”, a castração é a *precondição inevitável da* identidade sexual, a mão oculta que leva a *escolher um*

caminho e não o outro. Sejam quais forem as diferenças inerentes aos meninos ou às meninas, Freud coloca-se claramente do lado do “criados” ao enfatizar a disposição bissexual de cada sexo, os objetivos ativo e passivo de cada pulsão sexual e a ambivalência peculiar de todas as relações humanas.

A psicanalista neozelandesa Joyce McDougall, radicada em Paris, conta uma história fascinante sobre o seu neto Daniel, de 4 anos. Depois de ter passado o dia inteiro perguntando sobre a gravidez da sua mãe, o garoto estava ansioso para se aproveitar do novo conhecimento quando o pai voltou para casa no começo da noite. “Papai, quero fazer um pedido especial. Você poderia, por favor, pôr um bebê na minha barriga também?”⁴⁴

McDougall fala de uma “homossexualidade primária” para ressaltar as possibilidades bissexuais da primeira infância e as fantasias correlatas de comer, penetrar e possuir os genitores do mesmo sexo, juntamente com o desejo de *tornar-se* o genitor do sexo oposto e “incorporar todos os privilégios e prerrogativas que se atribuem a um dos pais”⁴⁵. Mas castelos de areia não duram muito. A agressão e a inveja complicam o quadro – sentimentos de culpa confusos e o medo narcísico de se machucar.

“Todas as crianças têm de acabar aceitando o fato de que nunca terão os dois sexos e serão para sempre só a metade da constelação sexual”, diz McDougall, circunstância que ela classifica de “uma afronta ultrajante à megalomania infantil”⁴⁶.

*A descoberta da criança da diferença entre os sexos equipara-se, no aspecto traumático, à descoberta anterior do outro e à revelação posterior da inevitabilidade da morte. Alguns indivíduos nunca solucionam nenhum desses traumas universais, e todos nós os negamos em certa medida no mais recôndito da mente – onde, por sorte, temos a liberdade de ser onipotentes, bissexuais e imortais!*⁴⁷

Para Freud, que entende que os anseios bissexuais infantis se prolongam bastante no período edipiano, o fim dessas possibilidades ocorre pela ameaça de castração. A castração torna-se o símbolo da diferença sexual, e a superação da ameaça de castração determina uma identidade em lugar da outra. Nós “escolhemos” a nossa identidade sexual ao descobrir o caminho de menor resistência à volta do buraco negro da castração. Obviamente, não é fácil.

O trabalho pioneiro de Joyce McDougall sobre “neo-sexualidades” mostrou em detalhe que os pacientes dela *se conciliam* com esse dilema universal de um modo deturpado, depois de “pegarem um atalho na elaboração da angústia *fálico-edipiana*”⁴⁸. No entender dela, é o dano provocado ao corpo na relação pré-edipiana (a criação de um corpo alienado, mutilado, sem erotismo) que leva o desenvolvimento para a solução pervertida – no sentido de pervertida para o problema da castração.

*A observação clínica me convenceu de que as crianças fadadas a assumir comportamentos sexuais diferentes na vida adulta criam um teatro erótico próprio na tentativa defensiva de se curar. Vendo-se diante de uma angústia de castração avassaladora derivada de conflitos edipianos, elas ao mesmo tempo defrontam a necessidade de se conciliar com a imagem introjetada de um corpo frágil ou mutilado.*⁴⁹

A sexualidade pervertida usa bastante as formas pré-genitais de excitação a fim de evitar a ameaça de castração (“todo o aterrorizante mistério da castração”, como diz Fenichel⁵⁰). Em outras épocas, a sexualidade genital é preservada, mas cercada de certas condições que de-

vem ser obedecidas à risca. Assim, o exibicionista *fálico*, ao mostrar os genitais, defende-se da angústia de castração e se tranqüiliza de que o seu pênis não é *frágil nem mutilado*, mas poderoso e lindo.⁵¹

Ao concentrar o seu interesse sexual num *objeto* e não numa pessoa, o fetichista rejeita a existência dos genitais femininos e o terror da castração que eles originam.⁵² O sádico e o masoquista vencem a angústia infligindo dor e deleitando-se com ela, recorrendo até a agressões aos genitais.⁵³

No entanto, essas soluções pervertidas não diferem muito do desenvolvimento “normal”. Toda pessoa, de acordo com Freud, faz no seu comportamento sexual algum ajuste que se pode classificar de “pervertido”. Nós nos “excitamos” com peças específicas do vestuário ou partes do corpo (“fetichismo”), criamos situações fantasiadas ou transgredimos tabus (às vezes auto-impostos) para apimentar a vida amorosa. Ninguém se surpreende com uma loja que venda peças de sadomasoquismo chamada Piranha Rosa, ou outra que venda *lingerie* fetichista chamada Afrodisiaca.⁵⁴

Em um programa de rádio da BBC, a paisagista Susanna Walton falou da planta dragoeira, que *exsuda*

uma resina vermelha parecida com sangue quando o seu tronco é cortado. Sem nenhuma relação lógica aparente, ela acrescenta: “Claro, essa planta é tida como afrodisíaca há milhares de anos”.

O flerte com o perigo e com a possibilidade de castração/punição faz parte da geração de excitação sexual. Existe, porém, uma diferença. Uma pessoa dominada por uma sexualidade pervertida, do mesmo modo que uma criança tomada de uma angústia opressiva que seja incapaz de brincar livremente, inventa rituais constantes muito controlados e repetitivos. Ela injeta excitação no corpo pelo lado de fora, como se fosse uma droga.⁵⁵ O perigo gera a excitação; o motivo do ritual não é, afinal, o prazer, por mais intenso que seja, mas a descarga da angústia e também das emoções que acarretariam a angústia quando não controladas. É o recuo ante a dor psíquica e a vitória sobre o perigo.

Desnecessário dizer que, no âmbito do romantismo, o flerte com o perigo, com a ameaça de castração, desempenha papel significativo. Nas grandes histórias de amor da humanidade – Sansão e Dalila, Tristão e Isolda, Heloísa e Abelardo, Lancelot e Guinevere – o tema da castração aparece literal ou figuradamente.

É difícil ser coincidência que os sentimentos físicos da paixão sejam indiferenciáveis das manifestações de medo, não só nos nossos antepassados medievais, mas também em nós.

Na iconografia medieval, a flecha do amor em geral tem por alvo o coração ou os olhos. Todavia, “o engenhoso ilustrador de uma versão italiana da novela *Lancelot* faz o jovem herói ser atingido pela seta do amor não no olho, mas nos testículos”⁵⁶. Uma xilogravura colorida alemã do mestre Gaspar de Regensberg (“O Poder da Senhora Minne sobre o Coração dos Homens”) mostra as torturas brutais do infeliz órgão do amante. “Não menos que 18 corações são esmurados, comprimidos, serrados ao meio, apertados com torniquete e espetados como um *kebab* por Frau Minne”, afirma o autor Michael Camille, acrescentando: “As inscrições em alemão referem-se ao poder das mulheres sobre o coração dos homens”⁵⁷. Freud observa em “Análise Terminável e Interminável” que os homens se sentem bem felizes em manter essas relações masoquistas com mulheres para se defenderem do mesmo masoquismo com outros homens. Nesse caso, os ataques temidos são deslocados para

a mulher, na forma de uma sexualização da angústia. É quase desnecessário acrescentar que o coração pulsante era muitas vezes comparado com o pênis.⁵⁸

O amor só existe quando há um obstáculo a ele, um obstáculo criado pela terceira ponta do triângulo edipiano e cujas punições rígidas estão sempre presentes no inconsciente do amante. Esses são os perigos letais de todos os sucessos de Hollywood, os quais o herói vence para conquistar a amada. Os exemplos são supérfluos. Mas... e como ficam as mulheres?

A CASTRADA? NÃO É TÃO DIFERENTE COM AS MENINAS

Numa surpreendente falta de firmeza (surpreendente porque não era característica dele), Freud afirmou que, embora as mulheres estivessem sujeitas ao *complexo* de castração, elas não passavam pela *angústia* de castração. Ele fez tal afirmação (lembre-se de que foi ele quem criou o conceito de realidade psíquica e investigou as manifestações mais bizarras da nossa vida fantasmática) fundado na lógica – como a menina poderia sentir uma ameaça de castração se ela já se sabia castrada? A resposta é surpreendentemente fácil.

A angústia de castração pode surgir tanto em relação à suposta castração da mãe quanto como repetição de um trauma imaginário. Aos 3 anos de idade, Miriam teve um ataque de gritos histéricos porque o seu pai, ao lhe dar uma fatia de melão, ia cortar um pedaço nodoso da casca que ficara na ponta. A mãe dela era chamada de “Melony” (Melanie). Fadada a ser ela mesma a vítima da brincadeira do crocodilo, foram necessárias muitas semanas contando histórias de macaquinhos perseguidos por crocodilos até que o macaco salvou o rabo virando-se e enfrentando o temível agressor. As histórias funcionaram como um tratamento emocional, contendo e moderando aos poucos a angústia.⁵⁹

A analista israelense M. Woolf deu um exemplo ainda mais explícito em 1955. Uma garotinha que era criada num *kibbutz* recusava-se a dormir no chalé das crianças. Toda vez que a mãe tentava levá-la de volta para a cama, aparentemente adormecida, a menina acordava tremendo e chorando: “O cachorro arrancou o meu pipi”. A enorme angústia, como uma reação fóbica, que as mulheres podem sentir ao pensar em menstruação ou relação sexual ou parto tem origem evidente na angústia de castração do passado.⁶⁰

Fenichel descreve um caso em que um abuso sexual na infância feito por um parente de confiança contribuiu para um medo de castração paralisante e inibições diversas na vida sexual de uma mulher.⁶¹

É difícil imaginar como Freud pôde deixar passar os indícios óbvios da angústia de castração nas mulheres e o papel dela na definição da posição feminina no par sexual. Ao se concentrar somente na “inveja do pênis” e nos efeitos depressivos da perda (ou seja, a perda imaginária de um pênis imaginário), ou nos sentimentos de inferioridade e vergonha, Freud enfraqueceu sua conjectura da importância da castração. Para ambos os sexos, a angústia da castração (e como superá-la) desempenha papel fundamental na articulação da sexualidade. Do mesmo modo, a mal-famada “inveja do pênis” freudiana aplica-se igualmente a homens e mulheres – ou seja, a inveja do pênis magnífico que se *gostaria* de ter, ou do pênis idealizado que se imagina que o pai tenha. Os desejos de castração que ambos os sexos sentem para com o pai, os quais repercutem no sujeito por meio do medo de retaliação, são um componente importante da angústia de castração.⁶²

CASTRACÃO E CLIVAGEM PSÍQUICA

Sob o impacto da castração, ocorre algo mais que é pertinente à questão da estrutura mental. Da mesma maneira que traumas precoces criam as dimensões do bom e do mau em relação à mãe⁶³, o trauma da castração cria uma cisão irreparável na figura do pai. (O complexo de castração também influencia a cisão posterior entre as atitudes afetuosas e as sexuais para com a mãe, “virgem e santa” ou “prostituta”).⁶⁴ Por motivos que continuam obscuros, os psicanalistas modernos raramente comentam esse fenômeno, apesar da óbvia ambivalência da relação entre pai e filho.

Felizmente, Hollywood não tem esses pudores. O pai de Chris Carson contrata um comando de fanáticos para plantar explosivos na casa que ele pretende arrasar. Quando se sabe que o próprio Chris está preso no prédio, o pai tenta deter o atentado, mas descobre que o seu alter-ego enlouqueceu e, como o piloto amalucado de *Dr. Fantástico*, recusa-se a obedecer à contra-ordem. Segue-se um embate desesperado entre o pai odioso e homicida e o pai carinhoso e protetor, conflito que, pelo bem de Chris, tem de ser vencido pelo pai amoroso. Como se trata de uma comédia infantil, dá para adivi-

nhar o final. O prêmio de Chris pelo seu flerte com a morte é um beijo da garota que ele admirava fazia muito tempo. Com a ajuda do Gasparzinho, ele pode ficar com a garota e se reconciliar com o antigo pai castrador.

De modo parecido, no suspense de espionagem *Intriga Internacional* (1959), de Alfred Hitchcock, Roger O. Thornhill (“O que significa o ‘O’?” “Nada.”) mergulha num mundo de pesadelo, onde existem confusão de identidade e violência inexplicável. O filme começa com um publicitário delicado tentando afastar diversas mulheres exigentes, inclusive sua mãe.⁶⁵ De repente, há homens que querem pegá-lo, mas ele não sabe por quê. Seus esforços frenéticos para escapar ocorrem no contexto de uma clivagem paterna. Ambas as figuras paternas impedem o acesso ao objeto inevitável de interesse sexual, a linda e atraente espiã Eve Kendall. O “Professor” é o chefe de Eve, e o homicida van Damm, seu amante. A própria Eve encarna o aspecto duplo da mãe, cúmplice na tentativa de assassinato das figuras paternas num momento, sedutora e protetora no outro. Roger enfim soluciona o dilema edipiano salvando Eve de van Damm, que descobriu a identidade verdadeira dela, e o Professor não tem mais motivo para manter

os dois separados. Assim, mesmo sem um *fastasminha* camarada para ajudá-lo, Roger se esquivava do **problema** da castração e se reconcilia com o “pai bom”.

A obra de Freud está repleta desses exemplos. As pinturas de Christoph Haizman, artista do século XVII, apresentam uma série de imagens do demônio, com o qual ele fez um “pacto” delirante. O demônio aparece primeiro para ele “como um cidadão idoso e honesto de barba castanha, vestido de capote vermelho e apoiando-se com a mão direita numa bengala, com um cão preto atrás de si”⁶⁶.

Essa imagem benévola logo mudaria:

*Mais tarde a aparência dele torna-se cada vez mais aterradoradora – mais mitológica, poder-se-ia dizer. Ele é dotado de chifres, garras de águia e asas de morcego. Por fim ele aparece na capela como um dragão alado [...].*⁶⁷

Freud conclui que a figura do demônio não só deriva diretamente do pai como também, no inconsciente infantil do artista – e talvez de todos nós –, o bem e o mal são um só. As consequências de uma clivagem psíquica entre os aspectos castrador e castrado do pai é um dos grandes problemas desconsiderados da psicanálise.

CASTRAÇÃO E O RETORNO DO REPRIMIDO

O sentido de iminência talvez seja o que distingue o *retorno do reprimido* das outras manifestações do inconsciente. Quando criança, o Homem dos Lobos vê o seu dedo decepado pendurado por um filete ensanguentado e começa a desmaiar; o chefe mafioso na ficção Tony Soprano desmaia ao ver carne cozida, a fim de rejeitar a lembrança da carnificina do pai⁶⁸; Dostoiévsky, cujos romances de homicídio, parricídio e castigo foram em parte motivados pelo assassinato do seu pai, sofria de ataques epilépticos e surtos de desmaio. O retorno do reprimido é o que machuca fundo e às vezes é impossível suportar. Em cada um desses casos, a reação é como a de uma vítima de tortura. Pequenos incidentes do presente desencadeiam uma reação física violenta porque ela é reforçada por uma experiência do passado que pode ter sido inteiramente esquecida e ser inconsciente.

Foi essa a minha reação quando assisti ao filme *A Professora de Piano* (2001). De repente eu me senti com calor e suado, tonto e nauseado. Um suor frio fez a minha pele formigar. Eu sabia que ia desmaiar.

A cena que me provocou o desmaio era a representação de uma automutilação genital feminina. A professora de

piano do título, representada por Isabelle Huppert, é uma mulher de meia-idade fria e dominadora que tem com a sua mãe uma relação claustrofóbica de amor e dependência. Em contraposição à probidade da sua vida profissional, lecionando num conservatório, a professora tem uma vida secreta de perversão sexual solitária conduzida com o mesmo controle sádico que ela impõe aos seus alunos. Na cena mencionada, ela está no banheiro de sua casa. A mãe logo vai chamá-la para jantar. Nua, ela desembrolha uma lâmina de barbear de um pedaço de pano, entra no banheiro e senta-se na beirada. Com um espelho pequeno para ver melhor entre as pernas, ela corta detidamente as genitais com a lâmina, e o sangue pinga na banheira. A imagem é filmada de perfil, para que a plateia não veja nada realmente, a não ser o pequeno gotejamento de sangue. Por que isso me alarmou tanto?

Você pode achar que a pergunta é boba. Porém, depois de feita, percebemos que não é tão fácil dizer o que é “traumático” num trauma. Não pode ser o sangue – quem assiste na TV aos onipresentes *dramatizados* de hospital vê mais sangue. Bisturis penetram a carne em cores vivas e num *close* explícito. Nenhuma dessas imagens me dá tontura ou náusea. Até mesmo cenas de

castração (*O Império dos Sentidos*) ou ameaça de castração (*Mississippi em Chamas*) não produzem esse efeito. Deve ter relação não com a imagem, mas com a “idéia” da cena. Como o tema era mutilação genital, deve ter sido a experiência da angústia da castração que aflorou do meu inconsciente e tomou conta de mim. Mas outro fator está presente.

O complexo de castração é também, como vimos, uma miríade de crenças – uma teoria sobre a diferença sexual e como ela ocorre. Uma dessas crenças é a idéia de que a mãe tem um pênis, e Freud sustentou (com base nos seus estudos das teorias sexuais infantis e das fantasias dos seus pacientes adultos) que é por associação com a suposta castração da mãe que o complexo de castração tem efeito significativo no menino pequeno. A maioria das pessoas considera essa idéia tão chocante e inacreditável – talvez eu pudesse dizer “ilógica” – que elas se abstêm do ato simples de perguntar aos seus filhos. É justamente no abismo existente entre a concepção da criança e a do adulto que Freud situa o seu conceito de inconsciente.

Agora percebemos por que essa cena foi tão forte. Não o que ela mostrou, mas o que estava velado é que

provocou o trauma. O espectador não vê “nada”; os genitais estão escondidos pela coxa da mulher sentada na beirada da banheira. Mas do nada forma-se a lembrança arcaica da mãe-com-pênis e da castração horrenda que certa vez se achou que ela sofreu. Esse é o nó principal do complexo de castração em todo o seu absurdo inacreditável, arraigado fundo no inconsciente.

As vezes o inconsciente volta não aterrorizante, mas belo. No filme *Beleza Americana* (1999), a impressionante imagem principal de uma jovem na cama com pétalas de rosa pode ser vista, por meio da fórmula banal de corpo e falo, como uma transformação desejada de uma imagem muito mais perturbadora – um pênis decepado num mar de sangue.⁶⁹ Se essa idéia parece incrivelmente grotesca, então vou apresentá-la de um modo mais trivial. Quando o homem sofre da “crise da meia-idade”, como o herói morto desse filme, pode ser que exista uma angústia que tenha na origem algum significado sexual. A chamada “menopausa masculina” costuma causar no início a hipocondria e a angústia que os homens sofrem quando crianças mas esquecem desde então (lembre-se da frase “eu era um pouco hipocondríaco”, dita por Timothy Spall). A perda de aptidões, a

perda de desejo e a sensação de morte iminente trazem o medo da castração do passado para o presente. No seu extraordinário e tocante ensaio “O Tema dos Três Ecrânios”, Freud mostra, por meio do estudo do mito e da literatura, que a deusa da morte – que por fim nos tomará em seus braços – é representada pelas mulheres mais belas e adoráveis. Esse é o poder que tem a ilusão de vencer a realidade.

CRIATIVIDADE E CASTRAÇÃO: FANTASIAS DE MASTURBAÇÃO E SUBLIMAÇÃO

Talvez tenha sido o famoso sexólogo americano Alfred Kinsey quem disse que 99% dos garotos adolescentes se masturbam e o 1% restante mentem. Contudo, a vergonha e o segredo cercam a prática. Por que é assim?

O juiz Schreber aceitou ser fecundado por Deus, mas relutou em admitir que se masturbava comumente. Era tal a vergonha dessa atividade horrenda que ele só conseguia referir-se à sua masturbação com uma lógica narcísica tortuosa: “homem e mulher [...] em um pessoa [...] tendo relações [...] comigo”. Na verdade, Schreber devia ter razão quanto ao fato de que seu ato era diferente da masturbação comum. A masturbação de Schre-

ber não precisava de objetos sexuais fantasiados, ao passo que, para a criança na agonia da paixão edipiana, a masturbação está intimamente ligada ao conteúdo desse complexo. “Como se pode demonstrar com clareza”, afirma Freud, “ele se encontra na atitude de Édipo em relação aos pais; sua masturbação é apenas a descarga genital da excitação sexual pertinente ao complexo e, ao longo dos anos posteriores, deverá sua importância a esse relacionamento”⁷⁰. Uma vez mais Freud ressalta a *estrutura completa* do complexo de Édipo, na qual o garoto pode assumir uma condição masculina ou feminina. Cada alternativa possível traz os seus perigos intrínsecos. (A recusa inicial de Schreber em adotar qualquer uma das condições indica a rejeição da castração, que é fundamental na sua psicose.)

Talvez Schreber tenha lido um dos muitos tratados médicos que advertiam dos perigos da masturbação, em voga no final da era vitoriana. O precursor deles, *Onania – ou O Infame Pecado da Autopolição e Todas as Suas Consequências Horrendas em Ambos os Sexos Analisadas* –, foi publicado anonimamente em 1710, talvez por um charlatão que vendia garrafas de elixir, mas tocou num ponto sensível originário da Antiguidade que atravessava uma profusão

de países e culturas. Para o autor de *Onania*, os onanistas sofreriam com certeza de cegueira, insanidade, crescimento retardado e eventualmente a morte. Quase 300 anos depois, é impressionante que a masturbação adolescente ainda esteja envolta num manto de vergonha e angústia furtiva, enquanto raramente se discute a masturbação infantil. Ao saber que o mordomo da princesa Diana teria recebido a ordem de percorrer as bancas da cidade à procura de revistas eróticas para os filhos dela, o romancista Howard Jacobson lamentou o que os garotos estavam perdendo ao deixar o mordomo fazer as compras:

*Nenhuma atenção à libido enquanto ela modela suas motivações, nenhuma convocação das forças de resistência, nenhuma discussão entre Jekyll e Hyde sobre a natureza sexual das pessoas, discussão essa que Jekyll sempre perderá, mas só depois de a libido ter inundado todo o organismo com aquelas substâncias químicas às quais damos o nome simples de desejo, mas que na verdade também comporta a auto-aversão, a autodestruição e a insanidade.*⁷¹

Será que a guerra secular à masturbação e o sentido desconcertante de “pecado” ligado a ela são não uma

mera conspiração da igreja ou do Estado, mas um indicador de um perigo no âmago da expressão sexual em si?

Freud refere-se a isso deste modo:

*Quando os interesses do menino voltam-se para os seus genitais, ele denuncia o fato manipulando-se com frequência e depois ele descobre que os adultos não aprovam o seu comportamento. Mais ou menos claramente, mais ou menos brutalmente, pronuncia-se a ameaça de que essa parte dele que ele tanto estima lhe será tirada. Em geral é das mulheres que parte a ameaça; muito frequentemente elas procuram fortalecer a sua autoridade referindo-se ao pai ou ao médico, que, dizem elas, executará a punição [...]. Assim, sou de opinião que o que provoca a destruição da organização psíquico-genital da criança é a ameaça de castração. Não de imediato, é verdade, e não sem que outras influências também contribuam.*⁷²

Então, o que acontece com toda essa energia maníaca? O que acontece com a onda de emoção?

As tendências libidinais pertinentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas [...] e em par-

*te inibidas no seu objetivo e transformadas em impulsos de afeto. Todo o processo, por um lado, preservou o órgão genital – evitou o perigo da sua perda – e, por outro, paralisou-o – removeu sua função. Esse processo principia o período de latência, que então interrompe o desenvolvimento sexual da criança.*⁷³

Você vai à escola. Aprende a ler. Descobre algo para fazer que refreie a energia, ajuste as ânsias e as fantasias incipientes, atenua a angústia. Algo que seja repetitivo é bom, algo que ocupe as mãos ou iniba a sua função. Os garotos passam horas chutando uma bola de um pé para o outro sem deixá-la tocar no chão ou matando demônios e monstros em *video games*.

O gênio do críquete Don Bradman descobriu essa atividade na juventude. Ele ficava horas a fio treinando sozinho, batendo uma bola contra o muro do jardim da casa da sua família em Nova Gales do Sul (Austrália), e dificultava ainda mais o exercício batendo numa bola de golfe com um *taco* de críquete. O ritual repetitivo de Bradman, como o meu e o de inúmeros outros na mesma idade, era um substituto da masturbação. Ou melhor, era uma “formação conciliatória”. Trata-se de uma ati-

vidade masturbatória substituta; expressa agressividade e controla a agressividade; representa uma fantasia da vitória e da “transcendência”, com o divertimento e a alegria de ultrapassar cada baliza da conquista ritual. Ao mesmo tempo que exprime submissão à realidade representada pelas “leis da natureza”.

Ao se dedicar a uma atividade aceita socialmente, a criança controla tanto o mundo interior das tentações perigosas quanto o mundo externo da desaprovação paternal. Como diria Freud, as correntes libidinais são “domadas” e desviadas do curso. A esses atos repetitivos simples estão incorporados os medos e os desejos sublimados de uma criança na fase de latência. E, mesmo que não possamos prever no que resultarão, o seu significado inconsciente encontra-se no poço profundo das emoções, do qual pode brotar a grandeza futura. Em contraposição com o agitado ritual da sua juventude, Bradman chegou a uma técnica madura de manejo do *taco* caracterizada por uma serenidade quase budista ao defrontar o lançador.

Num campo inteiramente diferente, o comediante Billy Connolly encontrou uma fonte de tranquilidade na sua juventude agitada quando passou a tocar banjo:

Havia algo ao tocar esse instrumento, talvez os arpejos regulares e a repetição de frases, que o acalmava de forma surpreendente. Daí em diante, ele e o banjo raramente podiam ser separados.⁷⁴

Sua mulher e biógrafa Pamela Stephenson não se mostra tão fascinada. Ela recorda uma briga típica de família em que o significado simbólico do instrumento e a angústia que ele dissipa não são muito dissimulados.

“Qual a diferença entre um banjo e uma cebola?” – provoquei-o. “Ninguém chora quando se corta um banjo.”

“Quantos tocadores de banjo são necessários para trocar uma lâmpada?” – retruca ele. “Só um, mas ele faz isso repetidas vezes.”⁷⁵

Talvez não seja surpresa alguma saber que, em uma das suas lendárias apresentações num palco, Connolly dá à platéia uma aula explícita de masturbação avançada:

“A frase inicial é importantíssima”, explica Billy. “Digam ‘graças a Deus que você está aí!’”⁷⁶

CRIATIVIDADE E CASTRAÇÃO: LUZ E CONHECIMENTO

Banhado por um facho de luz, Connolly corre pelo palco como um possesso, “pavoneando-se, andando a passos largos, lutando com moinhos de vento”⁷⁷, mas encontrando uma paz beatífica sob os holofotes.

*“Ironicamente [diz a mulher dele] a primeira recordação de Billy é ficar aterrorizado com um facho de luz” [...] “Até ele ter 3 anos, ele e sua querida irmã Florence dormiam numa alcova com cortina na cozinha. Uma noite, a irmã apontou o reflexo de um espelho para a parede, fazendo-o rodopiar e perseguir o irmão até ele gritar para que ela parasse.”*⁷⁸

Pamela Stephenson não conta o que era tão assustador para a criança de 3 anos. Mas nós sabemos. Como sua irmã, a cegueira, a luz é um tema comum no espetáculo da castração. Ao transformar a luz castradora e penetrante da sua infância num manto cálido de luz que o circunda no palco, Billy Connolly venceu o medo infantil com um ato criativo supremo – como Schreber, mas sem as alucinações.

Quando Lance Armstrong brincava com a bola de fogo, ele provavelmente não associava a sua bola de fogo com a bola de fogo celestial que passa por cima da nossa cabeça todos os dias. Os mitos da Antigüidade apresentam os deuses do sol como princípio masculino, tanto castrado como castrador – o Ra egípcio ou o Urano grego. Uma das crianças pacientes de Melanie Klein, John, queimava pedacinhos de papel no consultório e cortou um lápis amarelo com uma faca. “O lápis amarelo representa o sol”, interpreta Klein, “e tinha outro significado, o do pênis sádico do pai dele”⁷⁹.

Numa guinada extraordinária, o objeto mais insubstancial da nossa vivência – a luz – passa a representar o que pode parecer para muitos a essência da substância masculina, o falo do pai. Assim, quando Tristão é ferido mortalmente por causa da sua transgressão sexual e volta para a sua Bretanha natal, seu estado abjeto é representado na ópera de Wagner pelo sol constante e escaldante que se abate sobre ele. Ou vejamos Isaac Newton. Quando criança, ele também brincava com uma espécie de bola de fogo. Newton atava fogos de artifício a uma pipa caseira que ele empinava à noite, durante tempestades, para assustar as pessoas embaixo.

Ele queria que pensassem que era um cometa despedaçando-se na terra.

Como Einstein depois dele e Leonardo antes, Newton tinha fascínio pela luz. Foi ele quem percebeu que o forte fecho de luz que ele deixava entrar no quarto escuro não era uma entidade única, mas compunha-se de todas as cores lindas (femininas?) do arco-íris. Com esse feito genial, Newton completou o seu triunfo de Édipo. Ele cortara em pedaços o falo do pai. Pode-se pensar que o gênio excêntrico deve ter apreciado o renome que essa obra lhe deu. Ao contrário, ele se recolheu aos seus aposentos por dez anos para trabalhar em problemas de alquimia e debruçar-se sobre textos da Bíblia a fim de provar a doutrina do unitarismo, de que Deus não era uma Trindade, mas um ente indivisível. Tendo destruído o pai, ele passou os dez anos seguintes tentando reconstituí-lo – uma história de ódio, culpa e reparação que só chegou ao fim quando Newton harmonizou as leis do universo, ou seja, as leis de Deus para o homem, na sua obra-prima, *Os Princípios da Matemática*. Disse-se que ele nunca teve outro pensamento criativo pelo resto da vida.

CRIATIVIDADE: ARTE “ADULTA” E CASTRAÇÃO

Para Klein e para Freud, o problema da *criatividade* está ligado ao da *inibição*. Felix era um ás nos esportes mas um néscio na sala de aula; a paixão de Leonardo era pintar, mas ele deixou apenas uma punhado de obras-primas. Ocorre algo parecido na obra do artista contemporâneo Damien Hirst.

A arte nos faz ver o mundo de uma maneira diferente e produz objetos “belos” ou maravilhosos. Nesse sentido, Damien Hirst é indubitavelmente um artista importante. No entanto, existe em sua obra um quê de total falta de criatividade. Hirst costuma copiar objetos que ele viu no mundo e ampliá-los: “pinturas pontilhadas” como as que Sigmar Polke pintava 30 anos antes; “pinturas de círculos” como as que você pode fazer com um estojo de pintura infantil vendido em lojas de departamentos; a majestosa estátua *Hino*, de seis metros, réplica exata de um modelo de anatomia vendido na loja do Museu da Ciência. Apesar da sua genialidade, é como se os riscos de um pensamento inventivo mais requintado fossem grandes demais.

Na sua obra mais controversa, vemos o porquê da sua inibição criativa. *Mãe e Filho Divididos* – uma vaca

e um bezerro serrados ao meio e colocados em quatro tanques de formol – é uma representação simbólica da separação brutal de mãe e filho. Como Leonardo, cuja pintura *A Virgem e o Menino com Santa Ana e João Batista* retrata uma duplicação similar de mãe e filho, Hirst viveu um tipo particular de ligação e separação de sua mãe nos primeiros anos de vida. Hirst nasceu sem alarde em Bristol; o pai não quis conhecê-lo e um ano depois a mãe mudou-se de volta para Leeds, sua cidade natal. Quando Damien tinha 2 ou 3 anos, ela conheceu um homem e se casou com ele.

A instalação com que Hirst ganhou o prêmio Turner reproduz um pouco dessa história. Não se trata de uma contemplação abstrata da vida e da morte, nem de um simples desejo de chocar, mas sim da demonstração de um ser emotivo que procura ter sentido, tentando representar ou ser representado. *Mãe e Filho Divididos* reflete a divisão que o menino pequeno sentiu quando esse novo homem surgiu em cena: sua agonia com os sentimentos de traição; angústia e premonição; sua raiva impotente e seu desejo ardente de separar esse novo homem da sua mãe. A obra revive um momento traumático e o modifica. Isso porque não é mais Damien Hirst que

sente a ruptura provocada pela divisão, mas é ele que, no ato de destruição e criação, assume o lugar do pai e seu papel imaginário. Hirst é agora aquele que está com a serra elétrica e convida o espectador a participar da carnificina. Passamos pelos tanques de formol de conteúdo acinzentado como se repetíssemos o processo de divisão, implicados no drama como espectadores.

É em razão do medo da castração que o pai tem um efeito inibidor, não só a castração que se teme sofrer, mas a mutilação genital que se imagina da mãe. Em outra obra, *Formas sem Vida*, Hirst exhibe conchas marinhas grandes e polidas montadas em vitrines na parede. Ao ver a peça na Galeria de Arte Moderna Tate, minha filha de 10 anos questionou o seu valor artístico: “Não é muito criativa, não é? Ele só precisou ir a uma loja para comprar coisas bonitas e colocá-las na parede”. Sob o peso da angústia de castração, os genitais femininos, muitas vezes comparados com as conchas de animais marinhos, tornam-se “formas sem vida”, pois sua parte realmente viva (do ponto de vista do garotinho) foi retirada.

Na sua obra, Damien Hirst está estagnado nesse ponto. Incapaz de se entrosar ou “brincar” com a ligação simbólica entre a concha e a vagina, ele é (ou era) incapaz de

insuflar vida nova nos objetos que, como a minha filha observou, foram simplesmente transportados de uma loja para a galeria. Como disse Melanie Klein há tanto tempo, a criatividade é inibida pelo “pavor da castração”.

ÉTICA E CASTRAÇÃO: AFRONTA MORAL

Freud correlaciona o traço de desafio não só aos “dois anos terríveis” da fase anal, mas também, como vimos, à ameaça da castração. Em Agincourt, os arqueiros ingleses erguiam dois dedos para os inimigos franceses porque os seus dedos seriam cortados caso eles fossem capturados. Ninguém gosta de perder um dedo, mas é o significado simbólico desse gesto que o transforma no desafio masculino do “vá se foder”. Evidentemente, esse “protesto masculino”⁸⁰ não é a única afronta moral. No entanto, uma reação enérgica contra a castração é um componente significativo de grande parte da raiva que vemos indivíduos e grupos demonstrar.

Quem fez da afronta moral uma forma de arte foi o próprio Billy Connolly. Suas apresentações ao vivo confirmam sobremaneira a afirmação de John Cleese de que a comédia é uma espécie de “vingança”. Elas são salpicadas de críticas à irracionalidade, à falácia, à pompa e

ao rancor. Frases como “Dá pra acreditar nisso?!” e “É uma desgraça COM-PLÉ-TA!” caracterizam seu estilo e sua atitude, e ele é arrebatado por um ataque de indignação. Os espetáculos duram até mais de três horas – e a personagem de certa forma domina o Billy Connolly real, e não larga dele.

Nascido na pobreza, abandonado pela mãe, espancado pelos tutores, abusado pelo pai, Billy teve uma vida que mais parece um manual de mágoas. Seus números cômicos sintetizam e modulam os traumas da sua vida, dando-lhe um domínio simbólico sobre aqueles que o dominaram. A castração nunca é muito dissimulada. Billy, cuja série recente na TV britânica termina com ele saindo de moto, nu, e cuja masturbação no palco já foi mencionada, apresentou tendências para o exibicionismo logo cedo. Pouco após o incidente assustador com o facho de luz, o desafio se manifestou. Depois de a vizinha Mattie, que tomava conta dele, ter-lhe recusado uma fatia de bolo, ele a ameaçou: “Então vou tocar em você com o meu pintinho”, e começou a desabotoar a braguilha. “Mas, depois de ver a cara horrorizada de Mattie”, escreve Pamela Stephenson, “ele deu a volta e lhe beliscou o traseiro”. Em outra ocasião, Billy fez xixi

na rua e respingou urina de propósito nas costas das meninas sentadas na calçada.⁸¹ Seu comportamento desafiador e excêntrico nega a ameaça da castração – mostrando dois dedos para o destino.

ÉTICA E CASTRAÇÃO: O PROBLEMA DA CULPA

Em alguns mitos, pode parecer que a castração seja o resultado desejado da história e que o que está por trás dela é uma profunda inveja da criatividade feminina. Ra, o deus do sol egípcio, castrou-se para criar com o seu sangue uma raça chamada amiu. O falo do “grande deus” hindu Mahadeva foi decepado e fatiado pelas sacerdotisas da grande deusa. Os pedaços penetraram a terra e deram à luz uma nova raça de homens, os lingajás (os homens do linga, ou falo).

No México, para repovoar a Terra depois do dilúvio, o deus asteca Quetzalcoatl criou novos seres humanos cortando o seu pênis e dando o sangue à senhora da saia de serpentes – uma deusa com muitos falos curtos pendurados na sua cintura.

O deus babilônio Bel cortou voluntariamente a sua “cabeça” (= pênis) e misturou o sangue com barro para fazer homens e animais. O deus do céu Urano

foi castrado por seu filho Crono. Os genitais cortados de Urano caíram no mar e o fecundaram para produzir uma nova encarnação da virgem Afrodite. Era ela quem governava os cultos dos deuses castrados, como Anquises e Adônis.⁸²

Uma descoberta arqueológica recente no condado de North Yorkshire, na Inglaterra, noticiada com sensacionalismo no jornal *Independent* ("Sacerdote pagão travestido morre após ritual de castração"), revelou o sepultamento de um sacerdote de um importante culto religioso romano devotado ao deus do sol Átis e à deusa-mãe Cibele. Os sacerdotes do culto se castravam no ritual em solidariedade a Átis e vestiam roupas femininas.⁸³ Até Tertuliano reconheceu que os "mistérios divinos" do cristianismo eram parecidos com os "mistérios demoníacos" de redentores pagãos como Átis, e a popularidade do culto de Átis em Roma levou os cristãos a adotar costumes do velho deus.⁸⁴

Quando se comparam imagens do menino Jesus do início da Idade Média com a imagem da crucificação, o tema da castração fica claro. Os genitais desapareceram na imagem da crucificação e são substituídos por uma ferida ensanguentada. Se o inconsciente realmente atua

pela lei de talião, só podemos inferir que o pecado de que Cristo redime os seus irmãos não é apenas o de matar o pai primitivo, como propôs Freud, mas também o de castrá-lo. Se eu acrescentar "e comer-lhe o pênis", não é para tentar convencer o leitor a acreditar no fantástico, mas porque a prática de comer o pênis do inimigo não era rara na história da humanidade. Ela é expressamente proibida no livro do Gênesis (32:32).

Esses mitos comprovam a tentativa dos homens de solapar a idéia da criatividade da mulher. Agora é o falo decepada que se torna a fonte de criatividade e da ordem social.⁸⁵

Nos casos de autocastração, anteriores à primeira igreja cristã mas de certa maneira tão próprios dos costumes cristãos, a intenção divina era eliminar o pecado e as tentações da carne. Na verdade, a autocastração pode ser um propósito sagrado nos grupos sociais em que as mulheres são tidas como criaturas das mais degradadas e perniciosas. Só se pode concluir que as "tentações" proibidas pelo Todo-Poderoso criaram a perspectiva de uma castração muito mais apavorante do que a autoinfligida. Portanto, não só a culpa pode ser uma consequência do pavor da castração, mas a autocastração

real ou simbólica pode ser uma solução profunda para o problema da culpa edipiana.

ÉTICA E CASTRAÇÃO: REDENÇÃO

Ao exibir um tubarão-branco num aquário, Damien Hirst representou em traços inconfundíveis o pai castrador que não se consegue evitar. Instalando a obra *A Impossibilidade Física da Morte na Morte de um Ser Vivo*, ele insinua que a imagem primitiva do pai não morre. Algo no seu panorama emocional está congelado – petrificado, poderíamos dizer. A imagem que a criança tem do pai terrível, que Freud achava ser determinada geneticamente mas reforçada ou moderada pela sensibilidade afetiva ou pela negligência dos pais, lança uma sombra arrepiante sobre o resto da vida dele.

Numa montagem recente do drama musical *Parsifal*, de Richard Wagner, em Covent Garden, um tubarão empalhado pairou sobre o jardim mágico de Klingsor no segundo ato, para o deleite da plateia e a indignação dos críticos. Talvez os produtores tenham captado um tema central na obra de Wagner e decidido que um tubarão era um objeto apropriado para simbolizá-lo.

Para quem não conhece a história, Klingsor é o feiticeiro demoníaco que vai aniquilar os cavaleiros que protegem o Santo Graal e o seu chefe Amfortas. Klingsor é mau, mas já quis ser bom; então, ele se castrou. Outra personagem conta a história do primeiro ato:

Incapaz de extinguir a lascívia pecaminosa e intensa dentro dele, sua mão voltou-se contra si mesmo [...].

A automutilação deu poderes mágicos a Klingsor, com os quais ele construiu um jardim mágico no deserto, repleto de mulheres lindas, que atraíam os cavaleiros bons. Amfortas tentou derrotar Klingsor, mas se vem a saber que, afinal de contas, ele não era tão bom assim. Ele foi seduzido por Kundry, uma personagem feminina complexa que é tanto a maior sedutora de Klingsor quanto, em outro disfarce, em busca de perdão, uma ajudante dos cavaleiros do Graal. Klingsor perfura Amfortas com a lança dele mesmo, provocando-lhe uma ferida aberta do seu lado direito que nunca cicatrizará.

Antes que Parsifal complete sua missão sagrada de salvar Amfortas e restituir a glória (potência) dos cavaleiros do Graal, ele tem de enfrentar a ameaça representada por

Klingsor e vencê-la. O papel de Klingsor não é tão claro no drama, mas a tentação de Parsifal é insustentável – superação dos desejos incestuosos e a cura dada por Wagner a Parsifal como redentor na história. Kundry tenta seduzir Parsifal levando-o para o seu passado esquecido: lembrando-o de Gamuret, seu pai morto havia muito tempo, e Herzeleide, sua mãe superprotetora, que o criou sozinho.

*Do amor agora conhecemos o êxtase
que Gamuret conheceu certa feita
quando a paixão de Herzeleide
dentro dele ardeu impetuosa!
Pois o amor que a ti deu
vida e existência
a morte e a loucura devem eliminar
o amor envia
a ti agora
uma bênção da mãe, saúda um filho
com o primeiro beijo de amor!*

Assim Parsifal, que cresceu sem saber da sua dinâmica edipiana (tal qual o outro grande herói wagneriano de Wagner, Siegfried), agora é forçado a reconhecer seus

desejos incestuosos à mãe e ao pai. Ele não demora a aprender as conseqüências. Kundry curva-se sobre ele “e aperta seus lábios contra a boca dele num longo beijo”, como dizem as instruções de atuação de Wagner.

Parsifal levanta-se bruscamente com um gesto de dor intensa; seu comportamento exprime uma mudança terrível; ele aperta as mãos com força sobre o coração, como que dominado por uma dor atroz.

*“Amfortas!
A ferida! A ferida!”*

No momento da tentação do incesto, é a imagem da castração que lhe invade a consciência. Paradoxalmente, porém, é a rejeição da sexualidade que faz a sexualidade existir. A vivência da tentação do incesto e a confrontação da ameaça de castração – passando pela experiência, por assim dizer – criam a esperança de uma vida sexual com parceiros não-incestuosos e de identificação com o pai. Logo o próprio Parsifal será pai. Ele redime Amfortas curando-lhe a ferida com a lança mágica e toma o seu lugar.

A ópera de Wagner simboliza aspectos do mundo interior e dos processos inconscientes. Se é lícito saltar da arte para a política, pode-se afirmar que a ideologia de redenção nacional que se cristalizou na Alemanha no período entre as guerras deu aos homens impulsos mentais uma realidade atterrante.⁸⁷

A CASTRAÇÃO E O FIM

Quando as mulheres de Greenham Common penduraram roupas de bebê na cerca à volta da base de mísseis Cruise e gritaram o lema *"T-shirts from the boys"*, elas disseram uma verdade a respeito do comportamento dos homens e da insegurança física que o marca.* O ímpeto para a redenção pela reconciliação com o pai castrador (e castrado) é um motivo inconsciente da atividade masculina. É um dos sentimentos mais profundos que um homem pode sentir, quase sempre bem mais intenso com o nascimento do seu filho. Depois que a bomba de hidrogênio foi deto-

nada em novembro de 1952, trazendo a energia do Sol para a Terra, o físico Edward Teller enviou um telegrama curto e efusivo a Los Alamos: "É um menino!"⁸⁸

O complexo de castração é: um conjunto de crenças infantis; um momento do desenvolvimento; uma herança filogenética; um organizador da diferença sexual; um determinante fundamental do caráter e do destino das pessoas. Os efeitos do complexo de castração são amplos e incalculáveis para o indivíduo e para a cultura. Por seu papel na formação do superego, o complexo de castração ajuda a explicar por que os horrores da humanidade têm a mesma origem que os nossos ideais mais elevados. Quanto a este livro, ele mal arranha a superfície.

* Greenham Common é uma base aérea anglo-americana em Wiltshire, no sul da Inglaterra. Com lemas como o citado "T-shirts from the boys", as pacifistas protestaram em 1968 contra a instalação em solo britânico dos mísseis Cruise, em plena guerra fria. (N. do T.)

NOTAS

Em todas as notas, SE refere-se à *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, trad. J. Strachey, Londres: Hogarth Press, 1953-1975. [Edição brasileira: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (doravante, ES), 24 vols., Rio de Janeiro: Imago, 1986.]

1. No entender de Freud, as fantasias de castração na infância dizem respeito ao pênis e não aos testículos, cuja significação era desconhecida na época.
2. Freud, S., "Little Hans" (1909), in SE, vol. X. ["O Pequeno Hans", in ES, vol. X.]
3. Freud, S., "On the Sexual Theories of Children" (1908), in SE, vol. IX. ["Sobre as Teorias Sexuais das Crianças", in ES, vol. IX.]
4. Freud, S., *Inhibitions, Symptoms and Anxiety* (1911), in SE, vol. XX. [Inibições, Sintomas e Angústia, in ES, vol. XX.]
5. Freud, S., *An Outline of Psychoanalysis* (1938), in SE, vol. XXIII, p. 190. [Um Esboço da Psicanálise, in ES, vol. XXIII.]
6. Freud, S., "Preface to Reik's *Ritual: Psychoanalytic Studies*" (1919), in SE, vol. XVII, p. 261. ["Prefácio a *Ritual: Estudos Psicanalíticos*, de Reik", in ES, vol. XVII.]
7. Freud, S., *An Outline of Psychoanalysis*, op. cit.
8. Ibid., p. 191.
9. Klein, M., "Early Analysis" (1925), in *Love, Guilt and Reparation*, Delta Books, 1975, p. 90. [Edição brasileira: *Amor, Culpa e Reparação*, Rio de Janeiro: Imago, 1996.]
10. Ibid., p. 91.
11. *A Man's Best Friend*, prod. e dir. D. Doganis, BBC Channel 4, 7 de outubro de 2002.
12. Mattelaer, J., *The Phallus in Art and Culture* (Paris: European Association of Urology (sem data).

13. Bion, W., "A Theory of Thinking" (1962), in *Second Thoughts*, Nova York: Jason Arundsen, 1967.
14. Pickworth Farrow, E., "The Castration Complex", *International Journal of Psychoanalysis*, vol. 6, 1925, pp. 45-53.
15. Schreber, D. P., *Memoirs of My Nervous Illness* (1903), trad. e ed. L. Macalpine e R. Hunter, Londres: William Dawson and Sons Ltd., 1955, cap. XIII. [Edição brasileira: *Memórias de um Doente dos Nervos*, trad. Marilene Carone, São Paulo: Paz e Terra, 1995.]
16. Ibid., p. 148.
17. Ibid., p. 148.
18. Ibid., p. 149.
19. Creighton, E., comunicação pessoal.
20. Ritvo, S., "Anxiety, Symptom Formation and Ego Autonomy", *Psychoanalytic Study of the Child*, vol. 36, 1981, p. 341.
21. Freud, S., "Leonardo da Vinci and a Memory of his Childhood" (1910), in SE, vol. XI, p. 82. ["Leonardo da Vinci e uma Lembrança da Sua Infância", in ES, vol. XI.]
22. Entrevista com Timothy Spall, *Desert Island Discs*, BBC Radio 4. (Citações não literais.)
23. Ibid.
24. Veja Ward, L., "Adolescent Phantasies and the Horror Film", *British Journal of Psychoanalysis*, vol. 13, n. 2, pp. 267-76.
25. Entrevista com Timothy Spall, op. cit.
26. Freud, S., "On Transformations of Instinct as Exemplified in Anal-Erotism" (1917), in SE, vol. XVII, pp. 127-33. ["As Transformações do Instinto Exemplificadas no Erotismo Anal", in ES, vol. XVII.]
27. Starke, A., "The Castration Complex", *International Journal of Psychoanalysis*, vol. 2, 1921, p. 179.
28. Young, R., *Oedipus Complex*, Cambridge: Icon Books, 2000. [Edição brasileira: *Complexo de Édipo*, col. *Idéias da Psicanálise*, ed. e trad. de Carlos Mendes Rosa, Rio de Janeiro/São Paulo: Ediouro/Segmento-Duetto Editorial/Relume Dumará, 2005.]

54. Veja Steele, Valerie, *Fetishism: Fashion, Sex and Power* Oxford: Oxford University Press, 1996. [Edição brasileira: *Fetish: Moda, Sexo e Poder*, trad. Alexandre A. Jordão, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.]
55. Abel-Hirsch, Nicola, *Eros*, Cambridge: Icon Books, 2002. [Edição brasileira: *Eros*, col. Ideias da Psicanálise, ed. trad. de Carlos Mendes Rosa, Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Segmento-Duetto Editorial/Relume Dumará, 2005.]
56. Camille, Michael, *The Medieval Art of Love: Objects and Subjects of Desire*, Nova York: Harry N. Abrams Inc., 1999.
57. Ibid., p. 117.
58. Ibid., p. 112.
59. Veja Music, G., *Affect and Emotion*, Icon Books, 2001, pp. 23-4.
60. Woolf, M., "Castration Anxiety", trad. Sigmund Freud, *International Journal of Psychoanalysis*, vol. 36, 1955, pp. 1-5.
61. Fenichel, O., "Introjection and the Castration Complex" (1925), in *Collected Papers*, vol. 1, Nova York: Norton and Co., 1953.
62. Alexander, F., "The Castration Complex and the Formation of Character", *International Journal of Psychoanalysis*, vol. 3, 1924, pp. 11-42.
63. Veja Bell, D., *Paranoia*, Cambridge: Icon Books, 2002. [Edição brasileira: *Paranóia*, col. Ideias da Psicanálise, ed. trad. de Carlos Mendes Rosa, Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Segmento-Duetto Editorial/Relume Dumará, 2005.]
64. Veja Freud, S., "A Special Type of Object-Choice Made by Men" (1910), *Contributions to the Psychology of the Woman*, vol. XI. ["Um Tipo Especial de Escolha de Objeto por Homens"], in *ES*, vol. XI.]
65. Pelo processo de projecção, "exigente" = "castrador". No mundo de Freud, ser incapaz de "comprometer-se" é ser incapaz de dominar as angústias de castração que esse compromisso acarretaria. É muito mais fácil suportar as exigências de uma mulher do que as temíveis consequências das próprias reações.
66. Freud, S., "A Seventeenth-Century Demonological Neurosis" (1923), in *SE*, vol. XIX, p. 85. ["Uma Neurose Demoniaca do Século XVII", in *ES*, vol. XIX.]
67. Ibid.
68. Welldon, E., *Sadomasochism*, *op. cit.*
69. Lewin, B., "The Body as Phallus", *Psychoanalytic Quarterly*, vol. 2, 1933, pp. 24-47.
70. Freud, S., "The Dissolution of the Oedipus Complex", *op. cit.*, p. 176.
71. Jacobson, H., "It's the Furtive Shame That Makes a Boy a Man", *The Independent*, 9 de novembro de 2002.
72. Freud, S., "The Dissolution of the Oedipus Complex", *op. cit.*, pp. 174, 176, 177.
73. Ibid., p. 177.
74. Stephenson, Pamela, *Billy*, HarperCollins, 2002, p. 136.
75. Ibid., p. 140.
76. Ibid., p. 36.
77. Ibid., p. 6.
78. Ibid., p. 7.
79. Klein, M., "A Contribution to the Theory of Intellectual Inhibition" (1931), *Love, Guilt and Reparation and Other Works 1921-1945*, Nova York: Delta, 1975.
80. A feliz expressão de Alfred Adler é comentada por Freud em: Freud, S., "Analysis Terminable and Interminable" (1937), in *SE*, vol. XXIII, p. 250. ["Análise Terminável e Interminável", in *ES*, vol. XXIII.]
81. Stephenson, P., *Billy*, *op. cit.*, pp. 22-3.
82. Tirado de Walker, B. G., *The Women's Encyclopaedia of Myths and Secrets*, 1983; adaptado por K. Taylor em <http://www.geocities.com/WestHollywood/Village/3025/castrate.html>.
83. "Pagan Transvestite Priest Died After Ritual Castration", *The Independent*, 22 de maio de 2002.

84. Walker, B. G., *The Woman's Encyclopaedia of Myths and Secrets*, *op. cit.*
85. As horrendas mutilações genitais que caracterizam os ritos de passagem de homens e mulheres jovens em algumas sociedades (não vou mencioná-las aqui) não têm relação com a feminilização em si, mas com a superação simbólica da castração no processo de ocupação do próprio lugar no par sexual. Os idosos impingem sua autoridade aos jovens e os vinculam à ordem social por meio da dor.
86. Theweleit, K., *Male Fantasies*, Oxford: Polity/Blackwells, 1987.
87. Easlea, B., *Fathering the Unthinkable: Masculinity, Scientists and the Nuclear Arms Race*, Londres: Pluto Press, 1983. p. 130.

AGRADECIMENTO

*Obrigado a Kalu Singh pela contribuição
criativa e pelo apoio amigo.*